

PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO ENSINO SUPERIOR: uma proposta de análise de discurso

*Vinicius Novais Gonçalves de Andrade*¹

*Aroldo Vieira de Moraes Filho*²

*Fabiana da Silveira Bianchi Perez*³

*Lia Peres Rezende*⁴

*Lorena Gomes Souza Mendes*⁵

RESUMO: Esse estudo tem o objetivo de analisar o preconceito e discriminação direcionados a travestis e transexuais no Ensino Superior. Fundamentada teoricamente pelos estudos de gênero e sexualidade, essa pesquisa empírica, com delineamento qualitativo, foi desenvolvida por docentes da Faculdade Alfredo Nasser (Instituto de Ciências da Saúde), durante extensão universitária (oficina teatral), “Sexo e Sexualidade: do gênero a identidade”, (2019). Antes dos ensaios da oficina, os acadêmicos foram convidados a participar da investigação, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e respondendo a uma “Técnica de Complementação de Frases” com vistas a análise de discurso. As respostas dos acadêmicos foram aglutinadas por semelhança de matrizes discursivas para serem analisadas suas condições de possibilidade. As matrizes foram denominadas de: 1 - Naturalização e normalização de identidades travestis e transexuais; 2 - Religião como salvação e 3 - (Des) humanização em afetos. Concluímos haver um esvaziamento de sentido do termo ‘normal’ e que o preconceito é evidente. Também foi possível apreender um movimento de resistência ao preconceito, ou seja, acadêmicos caracterizando travestis e transexuais de forma positiva.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito. Gênero. Ensino Superior. Travestis. Transexuais.

¹ Docente da Faculdade Alfredo Nasser. Estágio Pós Doutoral pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutor pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás com período de Estágio Doutoral Sanduiche na Universidade do Porto – Portugal. E-mail: viniciusnovais@unifan.edu.br.

² Docente da Faculdade Alfredo Nasser. Doutor em Ciências Biológicas. Pós doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde. E-mail: aroldodemoraes@unifan.edu.br.

³ Docente da Faculdade Alfredo Nasser. Doutora e Mestre pela Faculdade de medicina da Universidade Nacional de Brasília. Fisioterapeuta pela universidade estadual de Goiás. E-mail: fabianasbp@hotmail.com.

⁴ Docente da Faculdade Alfredo Nasser. Especialista em Saúde Pública. E-mail: lia.peres@gmail.com.

⁵ Docente da Faculdade Alfredo Nasser. Mestranda em Educação. E-mail: lorennagomes@unifan.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este estudo é um recorte da pesquisa matriz (ANDRADE; PEREZ, 2019)⁶ que se encontra filiada ao Grupo de Pesquisa “Ciências da Reabilitação: sexualidade humana”, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo número 5003191281650601.

Essa temática, a do preconceito e discriminação motivados por gênero e sexualidade, encontra-se cercada de tabus sociais e de ‘não ditos’, de modo que as violências dirigidas a sujeitos LGBT continuam vigorando e sendo reproduzidas, inclusive no próprio contexto de Ensino Superior, e que por tanto tempo se manteve incólume em relação a ausência desses sujeitos em graduações, mantendo invisibilidades e ignorando violências. Por outro lado, é uma demanda de nossa realidade atual que propostas de inclusão desses sujeitos nos cursos de graduação e pós-graduação sejam pensadas e concretizadas, entendendo que educação e processo formativo profissional é um direito de todos os brasileiros e brasileiras, fundamento ou premissa defendida pelo Ministério da Educação.

O Brasil é um dos países em que mais pessoas LGBT são assassinadas (ANDRADE, 2017). É praticamente um assassinato a cada 16 horas. Um país em que a expectativa de vida de travestis e transexuais é em média de 35 anos.

Desde a infância de sujeitos LGBT mostra-se instaurada uma dinâmica de opressão, humilhação e assimetrias de acessos sociais, em que predominam preconceito e discriminação. Depois da instituição familiar, a escola é o espaço social mais violento, segundo Prado e Junqueira (2011), muitas vezes rememorado como dos piores momentos da vida de alguém que não se encontra nos padrões estabelecidos pelos poderes hegemônicos de uma cultura heterocentrada. Disciplinadora e docilizadora de corpos, a escola, faculdades e universidades, muitas vezes provoca o apagamento das diferenças individuais, idealizando um processo de homogeneização, imprimindo marcas e sofrimento psíquico. Diante da realidade violenta de muitas escolas, as pessoas LGBT são retiradas, de modo direto ou indireto, desses espaços de modo que a inserção no Ensino Superior se mostra dificultada, especialmente quando são travestis e transexuais.

⁶ Pesquisa desenvolvida por equipe de professores do Instituto de Ciências da Saúde (Vinicius Novais Gonçalves de Andrade, psicólogo; Aroldo Vieira de Moraes Filho, biólogo; Fabiana da Silveira Bianchi Perez, fisioterapeuta; Lia Peres Rezende, fisioterapeuta; Lorena Gomes Souza Mendes, pedagoga; Wanderleia Eleutério, farmacêutica) da Faculdade Alfredo Nasser e que contou com a participação de alunos de diversos cursos de graduação da Faculdade Alfredo Nasser como sujeitos de pesquisa, buscando a apreensão e análise do preconceito e discriminação dirigidos a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. A referida investigação foi desenvolvida durante o 17º Movimento Científico Cultural de Aparecida de Goiânia, o MOCCA, a partir da Oficina (extensão universitária) “Sexo e Sexualidade: do gênero à identidade”.

De acordo com Jesus (2012, p. 7-8), poderíamos caracterizar as transexualidades como:

uma questão de identidade. Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem é um capricho. Ela é identificada ao longo de toda a História e no mundo inteiro. [...]O que importa é que a transexualidade não é uma benção nem uma maldição, é apenas uma condição, como tantas outras. A resposta mais simples e completa que define as pessoas transexuais é a de que: Mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como mulher. Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como homem. Ao contrário do que alguns pensam, o que determina a condição transexual é como as pessoas se identificam, e não um procedimento cirúrgico.

Também do ponto de vista identitário de gênero (no âmbito da transgeneridade), além das/os transexuais, há aquelas pessoas que se consideram travestis, também caracterizada por Jesus (2012, p. 9), com as seguintes características:

pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero. É importante ressaltar que travestis, independentemente de como se reconhecem, preferem ser tratadas no feminino, considerando insultoso serem adjetivadas no masculino: AS travestis, sim. Os travestis, não. A nossa sociedade tem estigmatizado fortemente as travestis, que sofrem com a dificuldade de serem empregadas, mesmo que tenham qualificação, e acabam, em sua maioria, sendo forçadas a trabalharem como profissionais do sexo. Entretanto, nem toda travesti é profissional do sexo.

Por questionarem e vivenciarem outras possibilidades de gênero, diferentemente das normas de nossa cultura e sociedade, travestis e transexuais são alvos de sistemáticos preconceitos e discriminações; violências simbólicas, institucionais, psicológicas, físicas, sexuais e não raro são assassinadas, motivadas, simplesmente, por serem quem são: travestis e transexuais (ANDRADE, 2017).

Butler (2003) lança mão do conceito 'abjeto' na tentativa de analisar tais violências de gênero. Ela ressalta que construímos discursivamente, social e culturalmente, sujeitos normativos e, portanto, desejáveis, e sujeitos dissidentes das regras/normas e, portanto, indesejáveis. Essas são consideradas pessoas abjetas, ou seja, aquelas que não possuiriam humanidade, que coincidem com a monstruosidade, que carregam em si mesmas a mistura do que se convencionou culturalmente como masculino e feminino; aquelas que não merecem viver e, tampouco, os choros e saudades decorrentes de sua ausência. São as pessoas que grande parte do coletivo social deseja que não existam.

Desta maneira, pessoas abjetas são impedidas, compulsoriamente, de frequentar diversos espaços sociais, dentre eles o da vida escolar: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio e Ensino Superior. Corroborando com esse argumento, nos questionamos: quantas travestis e transexuais já vimos no contexto escolar/acadêmico? Isso se deve ao preconceito e discriminações constantes, os quais devemos combater.

Entendendo sobre a importância deste objeto de estudo – preconceito e discriminação direcionados a travestis e transexuais no Ensino Superior – é que esse estudo se justifica, compreendendo que travestis e transexuais são tão humanos e sujeitos de direitos como qualquer pessoa não transgênero e que o Estado brasileiro, nossa sociedade e cultura devem possibilitar as condições materiais suficientes e necessárias para que sujeitos LGBT tenham condições de construir um destino próprio que entenda ser o melhor para si. Nesse sentido, assumir essa temática como foco de investigações científicas mostra relevância social e cultural, além de um importante passo, mesmo que indiretamente, na produção de maior qualidade de vida para travestis e transexuais ao trazer foco nesses sujeitos e suas relações com o Ensino Superior.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de pesquisa de delineamento qualitativo, realizada por professores do Instituto de Ciências da Saúde da Faculdade Alfredo Nasser durante a realização de extensão universitária (oficina teatral), no Movimento Científico e Cultural de Aparecida de Goiânia (MOCCA), denominada de “Sexo e Sexualidade: do gênero a identidade”, no ano de 2019. Participaram da pesquisa 138 (cento e trinta e oito) acadêmicos de diversos cursos da área da Saúde da referida Instituição de Ensino Superior, (Psicologia, Farmácia, Enfermagem e Fisioterapia), devidamente matriculados, com idades igual ou acima de 18 anos, com identidades de gênero masculinas e femininas e diferentes orientações sexuais.

Ressalta-se que todos os critérios de ética em pesquisa com seres humanos preconizados pela Lei 466/12 (BRASIL, 2012), foram efetivados. Todo percurso de ‘coleta de dados’ somente foi iniciada com a aprovação do projeto de pesquisa (ANDRADE; PEREZ, 2019), pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Alfredo Nasser e assinatura dos acadêmicos ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes do período de ensaios da oficina, os acadêmicos foram convidados a participar da investigação respondendo a instrumentos de construção de informações empíricas, uma escala de preconceito contra pessoas LGBT (que não terão seus dados analisados nesse estudo) e outro instrumento denominado “Técnica de complementação de frases” (VIETTA, 1996 *apud* BROWN; PEDDER) que proporcionou oportunidade aos alunos de completarem frases, exprimindo seus afetos e concepções em relação a diferentes temas, dentre elas a frase que aqui pautamos nossa análise: “O que eu sinto quando vejo travestis e transexuais”.

As respostas dadas pelos acadêmicos foram transpostas para um documento de *Word*. Tais respostas foram aglutinadas por semelhança e três categorias de análise discursivas foram construídas, a saber, 1 - Naturalização e normalização de identidades travestis e transexuais; 2 - Religião como salvação; e, 3 - (Des) humanização em afetos que serão analisadas em suas condições de possibilidade (FOUCAULT, 2016a; 2016b), ou seja, como um referido discurso emergiu e não outros, e em sua função “já que não pode ser analisado isoladamente, encontra-se sempre em articulação com outros em rede, em um emaranhado, trama ou campo associado de enunciados para ser inteligível, produzir efeitos, fazer sentido e ser analisado” (ANDRADE, 2017, p. 158 *apud* FOUCAULT, 2016a).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa mostraram que, por repetidas vezes, discursos ligados a uma matriz discursiva de normalização e naturalização das identidades travestis e transexuais foram atribuídas pelos participantes da pesquisa. Tais discursos foram sintetizados nas seguintes afirmações:

- Nada diferente de qualquer outra possibilidade de identidade de gênero; - Nada específico; - Sinto nada; - O sentimento é o mesmo se fosse heteros; - Nada. Seu modo de vestir, sua orientação sexual não muda o que a pessoa é; - Nada, são pessoas normais; - Para mim é normal hoje em dia; - São pessoas normais, eu respeito quem são.

Podemos inferir que, discursivamente, alguns acadêmicos consideram travestis e transexuais como o ‘nada’ e em função disso nada sentem quando veem ou imaginam pessoas desse grupo populacional. Ora, como a diferença do outro não é capaz de mobilizar afetos? Como não produzem processos de subjetivação, ou o ‘nada’ já seria a subjetivação daquilo que é considerado sem importância? Há nos enunciados uma distorção ou erro das categorias

gênero e sexualidade, bem como o gênero coincidir com a forma como uma pessoa se veste. Também há a ideia da normalização (que encontra filiação com o discurso médico), que poderíamos considerar como um efeito desse momento histórico em que travestis e transexuais encontram-se mais em evidência na mídia. Cabe-nos questionar o que é considerado como normal e anormal na contemporaneidade, já que consideramos que esses conceitos dependem de um contexto social e histórico (FOUCAULT, 1970)? Inferimos se tratar de um processo de esvaziamento de sentido do termo ‘normal’, quando os acadêmicos não questionam a sua utilização, e seu sentido, apenas reproduzindo-o.

Outro conjunto discursivo que emergiu da pesquisa foi denominado de “Religião como salvação”, com base no discurso religioso, e contempla as seguintes complementações de frases: “ - Que são pessoas que também merecem ser amadas. Jesus as (os) ama como elas (eles) são; - Vontade de falar, explicar como fazer para se libertar disso. Apresentar Jesus”.

Na contemporaneidade o discurso religioso tem disseminado seus saberes/poderes com eficiência em decorrência de uma ‘nova’ onda conservadora que nos atinge social e culturalmente. Dessa maneira, tal discurso passa a funcionar com marcador de interpretação e de ação na vida cotidiana, de processos de subjetivação e objetivação. Nos enunciados dos acadêmicos encontramos dois sentidos: um mais ‘empático’ com travestis e transexuais, do amor como merecimento, apesar de ainda existir uma hierarquia de poderes: ‘eu’ que decido quem são pessoas e quem mereceria o amor de Deus.

Em outro sentido, temos travestilidades e transexualidades atrelados a ideia de pecado e, sendo assim, deveriam ser diferentes do que são a partir da necessária ligação com Jesus Cristo. Foucault (2016) afirma que um discurso que emerge repetidas vezes constrói ou forma os objetos que nomeia. Nesse caso travestis e transexuais social e culturalmente seriam o objeto pecador, viveriam sob a égide do pecado e da impureza.

Também foi apreendido nos resultados da pesquisa complementações de frases ligadas a concepções e aos afetos sentidos pelos participantes da pesquisa. Elas foram aglutinadas em uma categoria discursiva denominada pelos pesquisadores de “(Des) humanização em afetos”. Tais afetos dão conta de processos de humanização, como podem ser observados:

- Adoro; - Os admiro pela liberdade; - Que eles têm total ciência de sua escolha; - Alegria em vê-los realizando seus desejos; - Carinhos e felicidade, pois eles conseguem trazer alegria onde estão; Compaixão; - Admiração; - Que são pessoas normais buscando seus ideais, seu próprio modo de vida em busca da felicidade; - Que são corajosos; - Confortável e de desperta certa admiração por sua luta;- Prazer em dar um bom dia, abraçar. Toda pessoa deve ser respeitada.

Nos enunciados desse conjunto, travestis transexuais são performatizados como pessoas que exercem sua liberdade para serem o que são a partir dos seus saberes e poderes sobre si mesmos, e que em decorrência disso, infere-se, os afetos vividos pelos acadêmicos mostram-se positivos, como admiração, alegria e serem corajosos, por exemplo.

Por outro lado, também existiram discursos, nas respostas atribuídas pelos participantes da pesquisa, que desumanizam travestis e transexuais como:

- Estranheza de primeira vista, mas depois lido como lidaria com qualquer pessoa; - Curiosidade, já que é extremamente difícil se encontrar um. As vezes tento entender qual seu gênero quando vejo de longe; - Me sinto curiosa, no sentido de entender o que se passa a ele querer ser assim; - Indiferente, não me afetam em nada; - Tenho uma certa estranheza porque não é muito comum; - Medo - Dó ao pensar na vida que essa pessoa leva; - Depende da ocasião, travestis as vezes me deixa pouco constrangido, pois nem todos respeitam o próximo; - Constrangido, pois muitos desrespeitam as mulheres; - Desconfortável; - Assustada pois não tenho muito costume em ver, é novidade para mim; - Indiferente; - Acho engraçado, alguns são lindos. Não tenho nada contra a escolha deles kkk; - Não gosto muito, acho exagerados; - Pena, pois são tão discriminados por serem do jeito que querem ser; - Imagino a beleza no seu sexo natural; - Acho estranho; - Nada, so vontade de olhar e falar que aquilo é homem: olha o gogó dele; - Pena, dor e as vezes nojo pela forma como se comporta entre pessoas; - Esquisita porque se veste como mulher, fica estranho para o homem.

Esses enunciados formam, constrói, qualifica ou descreve travestis e transexuais como: estranhos, confusos, que despertam curiosidade, que despertam constrangimento e desconforto; são pessoas que assustam, que são exageradas, que produzem sentimentos de pena, de nojo e que são alvo de chacotas, como: “olha o gogó dele” ou “nada contra a escolha deles kkk”. Essa forma de desumanizar o humano, de retirar suas características humanas e aproximá-lo do bizarro e do ‘monstro’ coincide com o conceito de abjeto para Butler (2003; 2015). Cabe-nos a reflexão: se pautados por esse conjunto de enunciados, será que travestis e transexuais se sentiriam acolhidas no contexto do Ensino Superior, ou seria mais um motivo para o seu não acesso a educação e uma contribuição para a evasão escolar?

4 CONCLUSÕES

Esse artigo assumiu como objetivo de estudo o preconceito e a discriminação direcionados a travestis e transexuais no Ensino Superior. A partir da realização da pesquisa e da análise dos resultados, concluímos haver um processo de normalização e naturalização das identidades travestis e transexuais, momento em que nos propomos a refletir sobre o que os

acadêmicos participantes da pesquisa consideram como normal e o que significaria o “não sinto nada” (diante da frase: o que eu sinto quando vejo travestis e transexuais”. Inferimos se tratar de um processo de esvaziamento de sentido da categoria ‘normal’.

Concluimos que acadêmicos podem recorrer a discursos de matriz religiosa para explicar o fenômeno dos gêneros não binários (masculino e feminino cisgêneros), justificando-os como falta de conhecer Jesus, e que de alguma maneira precisam ser salvos e purificados. Concluimos também ser evidente o preconceito direcionado a travestis e transexuais, sendo consideradas pessoas abjetas (BUTLER, 2003; 2015), alvos de sentimentos como nojo, pena, medo, estranheza e constrangimento. Por outro lado, concluimos, também, serem designados, a partir de uma matriz discursiva mais humanizada.

Reiteramos sobre a importância de discussão da temática sobre gênero e sexualidade e ressaltamos sobre a necessidade de construção de uma agenda de estudos e pesquisas relacionada a pessoas LGBT no Ensino Superior. Pontuamos, por fim, o compromisso dos autores desse estudo com a difusão da temática de gênero e sexualidade e seus efeitos na vida cotidiana de acadêmicos e comunidade em geral.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, V. N. G. **Transfobia no percurso denunciativo brasileiro**: um estudo a partir do Disque Direitos Humanos da Presidência da República. 304 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

BRASIL. **Resolução 466/2012**. Ética em Pesquisa com Seres Humanos, 2012.

BUTLER, J. **Corpos que importam**. **Sapere Aude**. Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 12-6, 2015.

_____. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de L. F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016a.

_____. **Microfísica do Poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016b.

_____. A Ordem do Discurso. **Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1970.

JESUS, J. G. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/87846526/Orientacoes-sobre-Identidadede-Genero-Conceitos-e-Termos>>. Acesso em: 06 ago. 2019.

PRADO, M. A. M.; JUNQUEIRA, R. R. D. Homofobia, Hierarquização e Humilhação Social. In: VENTURI, G.; BOKANY, V. (Orgs.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

VIETTA, E. P. Técnica da complementação de frases como recurso para expressão vivencial do aluno em véspera de prova. **Rev. latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n. especial, p. 39-49, abr. 1996.